

## “José Martí e o sentido da idéia de independência cubana”.

“La manera de celebrar la independencia no es, a mi juicio, engañarse sobre su significación, sino completarla”.

José Martí

O ano de 1898 marca o fim da Guerra de Independência cubana iniciada em 1895. Derrotada na Guerra com os Estados Unidos, a Espanha renunciava, pelo Tratado de Paris celebrado em dezembro de 1898, às suas últimas possessões coloniais no continente americano: Cuba e Porto Rico. Um fim, para muitos revolucionários cubanos, trágico e melancólico, sobretudo quando se considera a intervenção dos Estados Unidos nos momentos finais da Guerra e a tutela imposta por esta grande potência imperial norte-americana à Cuba recém liberada do jugo espanhol. Como é próprio das efemérides, é praxe apresentar e refletir sobre os sentidos e significados desse fato que marcou profundamente a história de Cuba e, por que não dizer, da América Latina em seu conjunto. Pretendemos aqui explorar o sentido e alcance da *idéia de independência* pregada por aquele que, precisamente pelas suas idéias e ações independentistas e anti-colonialistas, é considerado o prócer e símbolo maior da independência cubana: José Julián Martí y Pérez (1853-1895).

Entre os estudiosos da vida e da obra de Martí, é quase um consenso de que o fio condutor de suas idéias políticas é o *independentismo*, ainda que o termo seja analisado e interpretado sob diferentes ângulos. José Martí foi, sem dúvida, um independentista. Pregou, lutou e morreu na luta pela emancipação política de Cuba. Entretanto, a historiografia cubana nos apresenta uma significativa e influente corrente de pensamento independentista ao longo do século XIX, com raízes anteriores a Martí. Essa corrente de pensamento teve seu grande momento com a primeira guerra de independência de Cuba, a chamada Guerra dos Dez Anos (1868-1878). Tal corrente assumia uma perspectiva restrita e limitada se comparada com a idéia independentista martiana; ao contrário desta última, aquela idéia de independência se esgotava em si mesma, não indo além do projeto da separação de Cuba da metrópole espanhola. Veremos adiante como em Martí tal conceito incorpora novos ingredientes. Daí ser oportuno explorarmos o vínculo de Martí com o *independentismo*<sup>1</sup>. Não é preciso grande esforço e um conhecimento profundo da obra martiana para se constatar suas pretensões de transformar Cuba em uma nação soberana e independente. Afinal, ele dedicou boa parte de sua vida à esta obra. O problema é que não era somente este seu propósito, ou seja, o risco que queremos alertar consiste na generalidade - de pouco valor - de chamar Martí de independentista, já que ele propôs

muito mais do que o termo pode sugerir. Em seu projeto político para Cuba, a independência era - para Martí - o passo inicial e talvez não o mais significativo em longo prazo. (Pablo Rodríguez, 1972: 177) Mas em que consistia na realidade esse “algo mais” presente na idéia independentista de Martí? Nesse momento, retomaremos e avançaremos em algumas de nossas reflexões já expostas em um estudo anterior<sup>2</sup>.

## A INFLUÊNCIA DOS EUA SOBRE O INDEPENDENTISMO MARTIANO

Passados já cerca de dez anos de exílio nos Estados Unidos<sup>3</sup>, José Martí havia adquirido plena consciência do que representava aquela nação para a América e para o mundo neste final de século XIX. O rápido desenvolvimento que começava a apresentar esse país norte-americano e o seu modelo político-institucional despertava grande atenção e admiração de muitos representantes dos meios intelectuais e políticos das outras nações da América. Num momento em que nesta América predominava a idéia de que o colonialismo teria sido responsável por quase todos os problemas que enfrentavam as novas repúblicas, como a falta de desenvolvimento, a falta de democracia, de liberdade etc., os Estados Unidos se apresentavam como aquela jovem nação que, após mais de um século de conquista da sua independência frente à Inglaterra, conseguia enfim trilhar com sucesso um caminho próprio, à margem da Europa. Era inescapável a tentação de considerar que as demais nações do continente também poderiam lograr tal façanha. O alegado caráter democrático de suas instituições, de sua constituição, o espírito empreendedor de seu povo, a manutenção de um regime de liberdades lhe conferiam o *status* de mais novo modelo de *civilização* e *progresso*, ao lado dos modelos franceses e ingleses. Era bastante difícil, para qualquer membro da intelectualidade da época, escapar a essa análise. José Martí, inclusive, não ficará imune a tal influência. Quando chega a Nova York, pela primeira vez, em 1880, faz questão de ressaltar sua admiração pelo que ele considerou “*casa de la libertad*”. Declarou admirar o fundamento democrático de suas instituições e a pujança daquela sociedade.

Mas, com o passar dos anos, percebe-se em seus escritos uma clara evolução de seu juízo acerca do panorama político e social daquele país. Dizia Martí: “*Yo he vivido en el monstruo y le conozco las entrañas*”. Embora monstro aqui não signifique exclusivamente perversidade, como bem ponderou Medardo Vitier (1954: 58), podendo expressar também uma enormidade quantitativa, talvez para Martí tenha significado ambas as coisas. Embora manifeste opiniões tanto favoráveis quanto desfavoráveis sobre inúmeros aspectos da vida social dos Estados Unidos, no geral percebe-se claramente uma radicalização de sua opinião em relação aos valores daquela nação, uma opinião cada vez mais negativa. Na medida em que se aprofunda no conhecimento de suas entranhas, percebe que vai havendo um distanciamento cada vez maior entre a realidade social estadunidense e aque-

<sup>1</sup> A esse respeito são bastante pertinentes as observações apontadas pelo historiador cubano Pedro Pablo Rodríguez em seus estudos sobre as idéias políticas de José Martí (Pablo Rodríguez, 1972).

<sup>2</sup> CARVALHO, Eugênio Rezende de. O Projeto Utopico da Nuestra América de José Martí. São Paulo: Anita Garibaldi, 2001.

<sup>3</sup> Após passar boa parte do ano de 1880 nos Estados Unidos, Martí se dirigiu à Venezuela (Caracas) no início de 1881, onde viveu por pouco mais de seis meses, regressando aos Estados Unidos, onde viveria até 1895, ano de sua morte.

les ideais fundamentados na sua constituição. Considera que os governos estariam traindo esses ideais democráticos. Percebe aos poucos algumas degenerescências no seio dessa sociedade: desigualdades sociais, discriminação racial, bem como a sua forma de Estado, o caráter monopolista e protecionista de sua economia, que irá entrar em confronto inevitável com os interesses e com a soberania das demais nações do continente americano.

A primeira conclusão a que chega é que não se podia considerar o continente americano como um bloco monolítico, homogêneo. Uma realidade dual havia se firmado e cristalizado por razões de ordem histórica. Em um discurso de 1889, conhecido como *Madre América*, Martí afirma:

*Y ¿cómo no recordar, para gloria de los que han sabido vencer a pesar de ellos, los orígenes confusos, y manchados de sangre, de nuestra América (...)? Del arado nació la América del Norte, y la Española, del perro de presa.* (VI, 136)

Embora possa parecer um tanto quanto “ordeira” esta imagem do arado da América do Norte, o que Martí buscava colocar em relevo era a existência de duas realidades diferentes que apresentavam duas evoluções históricas distintas. Nesse discurso, ele buscava estabelecer e resgatar tais diferenças de ordem histórica. Embora, como abordaremos adiante, não seja esta circunstância histórica o único fator de demarcação dos dois fatores continentais. Tal evolução no pensamento de Martí significava um passo importante na tomada de consciência da especificidade do que ele denominou *Nuestra América*. A experiência desses anos de exílio em terras norte-americanas possibilitaram um desenvolvimento de seu pensamento, uma evolução e aprimoramento desse conceito, a partir da compreensão, já em 1894, de que

*En América hay dos pueblos, y no más que dos, de alma muy diversa por los orígenes, antecedentes y costumbres, y sólo semejantes en la identidad fundamental humana.* (Martí: VIII, 35)

É importante observar que Martí já fala, agora, de uma diversidade não só de origens e antecedentes, mas de “costumes”. Compreendia que a América Espanhola era algo distinto, específico, diferente dos mundos europeu e estadunidense. Para compreender o verdadeiro sentido da *Nuestra América* havia que levar em conta, portanto, essas “diferenças de origens, métodos e interesses entre os dois fatores continentais”.

Ao lado de outras denominações - como “*Hispanoamérica*”, “*América del Sur*” e outras - durante muito tempo Martí empregou simplesmente “*América*” para se referir à região da América Espanhola. Em seus textos, a partir principalmente de 1889, percebe-se, no entanto, uma intensificação sutil do emprego do pronome *nuestra*, precedendo América, para se referir a essa mesma região. Isso representa nada mais que a demonstração do seu esforço de diferenciação de duas realidades presentes no continente ameri-

---

<sup>4</sup> Já em 1881, quando regressa a Nova York, oriundo de Caracas, inicia de imediato sua ação de denúncia e crítica de alguns aspectos da vida estadunidense, principalmente por meio das denominadas “*Cartas de Nueva York*”, escritas para inúmeras publicações, tais como *La Opinión Nacional*, de Caracas, *La Republica*, de Honduras, *La Nación*, de Buenos Aires, e *El Partido Liberal*, do México.

<sup>5</sup> É interessante observar que José Martí não chega a questionar em nenhum momento a base constitucional dos Estados Unidos.

cano. A afirmação do pronome *nuestra* representava a busca de uma personalidade própria, a consciência de uma especificidade. Mas representava também a distinção, a diferenciação em relação a uma outra América, que não a *nuestra*. Se nos aportássemos a uma definição geográfica, poderíamos dizer que essa *otra* América seria aquela porção do continente que não estivesse entre o limite demarcado por Martí, qual seja, entre o Rio Bravo e o Estreito de Magalhães. No entanto, a diferenciação não se restringia a essas bases puramente geográficas. Mais do que propriamente pelos Estados Unidos em si, essa *otra* América era representada mais pela sua política, pelos seus interesses e propósitos ameaçadores, que não permitiam uma unidade e identidade em nível continental, e mais, que comprometiam a própria existência dessa América *nuestra*, enquanto uma unidade pautada em uma autonomia política e cultural.

Assim, entre todos os perigos que ameaçavam a América Espanhola, Martí elegerá este, que considerará como a ameaça maior, a ameaça externa: *el tigre de afuera*:

*...otro peligro curre, acaso, nuestra América, que no le viene de sí, sino de la diferencia de orígenes, métodos e intereses entre los dos factores continentales, y es la hora próxima en que se le acerque, demandando relaciones íntimas, un pueblo emprendedor y pujante que la desconoce y la desdeña. (Martí: VI, 21)*

Cabe ressaltar que Martí terá consciência, mais tarde, e o declarará por várias vezes, de que a cobiça não era um problema de mero desconhecimento da *Nuestra América*, por parte dos Estados Unidos da América do Norte. Sabia já muito bem da “grandeza de destino” daquela nação vizinha.

Os anos de 1889 a 1891 serão decisivos nessa tomada de consciência de Martí acerca do real perigo que representava a política desse país do norte da América. Foram os anos em que ocorreram em Washington as duas Conferências Internacionais Americanas, convocadas pelos Estados Unidos. Sobre a primeira delas, assim Martí se expressou:

*Fue aquel invierno de angustia, en que por ignorancia, o por fe fanática, o por miedo, o por cortesía, se reunieron en Washington, bajo el águila temible, los pueblos hispanoamericanos. (VI, 143)*

Os debates travados em ambos os eventos iriam deixar claro os reais interesses e ambições do vizinho do norte sobre o continente americano. Iriam deixar claro quais as bases dessas relações íntimas reivindicadas por esse povo empreendedor e pujante. O próprio Martí sintetizou assim seu ceticismo e sua preocupação com o significado deste convite dos Estados Unidos às demais nações da América:

<sup>6</sup> Discurso pronunciado na “velada” artístico-literária da *Sociedad Literaria Hispanoamericana*, em 19 de dezembro de 1889, em Nova York, na qual estavam presentes os delegados da Conferência Internacional Americana de Washington.

<sup>7</sup> Todas as citações de José Martí no âmbito deste trabalho referem-se à publicação: MARTÍ, José. *Obras Completas*. 27 tomos. Segunda edición. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. Primera edición publicada por la Editorial Nacional de Cuba, en coordinación con la Editora del Consejo Nacional de Cultura y la Editora del Consejo Nacional de Universidades. La Habana, 1963-1965. Entre parêntesis encontra-se o número do Volume (em romanos) e a página.

*Jamás hubo en América, de la independencia acá, asunto que requiera más sensatez, ni obligue a más vigilancia, ni pida examen más claro y minucioso, que el convite que los Estados Unidos potentes, repletos de productos invendibles, y determinados a extender sus dominios en América, hacen a las naciones americanas de menos poder, ligadas por el comercio libre y útil con los pueblos europeos, para ajustar una liga contra Europa, y cerrar tratos con el resto del mundo. De la tiranía de España supo salvarse la América española; y ahora, después de ver con ojos judiciales los antecedentes, causas y factores del convite, urge decir, porque es la verdad, que ha llegado para la América española la hora de declarar su segunda independencia. (Martí: VI, 46-47)*

Era preciso estar atento ao conteúdo, às reais intenções que estavam por trás dos tratados comerciais propostos, de forma a não comprometer os interesses e a soberania das nações americanas de “menos poder”. Martí sabia bem que “*El pueblo que compra, manda. El pueblo que vende, sirve. Hay que equilibrar el comercio, para asegurar la libertad.*” (Martí: VI, 160)

Se Martí tinha já consciência da diferença de origens, diferenças de evolução histórica, agora tomava consciência plena dos propósitos e interesses escusos da política dos Estados Unidos frente à América Espanhola. Uma política que ameaçava, agora sob novas formas - por meio do “*veneno de los préstamos, de los canales, de los ferrocarriles*” (Martí: VI, 61) -, sua independência, sua existência como um conjunto de nações livres. Esse convite a uma união *pan-americanista* estava muito distante do ideal *americanista* martiano. Na verdade, eram projetos antagônicos, na medida em que o projeto *americanista* de Martí se aproximava cada vez mais de um projeto essencialmente anti-colonialista, seja de novo ou velho tipo.

## A AMEAÇA EXTERNA E A IDEOLOGIA EXPANSIONISTA

Mas, por trás das propostas dos Estados Unidos, de união econômica do continente, não estavam somente tratados comerciais quase sempre desfavoráveis às demais nações da América. Estava presente um interesse maior de caráter geopolítico e estratégico de domínio da região. Martí viveu nos Estados Unidos num momento em que o país atravessa transformações profundas em sua economia e política continental, no momento da inauguração de uma nova etapa do capitalismo monopolista e imperialista que o levaria, inexoravelmente, a galgar novas posições sobre o mundo e, em particular, sobre o continente americano. Os fatos históricos de um passado recente, ligados à política expansionista estadunidense, reforçavam o temor de Martí. A expansão assombrosa havia começado já no primeiro terço do século XIX com a conquista do Texas. Na metade do século, 1848, com a guerra do México completa-se o desmembramento deste: metade do terri-

---

<sup>8</sup> Certamente teria irritado muito a Martí o fato dos Estados Unidos apropriarem para si o qualificativo de *americanos*. Talvez insistisse às vezes no emprego do termo América, isoladamente, como resistência à prática comum no seio de seus compatriotas de se reconhecer os *estadunidenses* como os americanos por antonomásia.

tório mexicano, dois milhões de Km<sup>2</sup>, passaria para as mãos dos Estados Unidos. As violências sobre o México assumem uma dimensão continental, na medida em que avançam em direção ao sul, com o objetivo de conquistar a região do istmo. Ameaçavam o restante do continente, particularmente a região da América Central e do Caribe. Os interesses se estendiam para a conquista de novos territórios que pudessem possibilitar sua grandeza. A década de 50 marca os primeiros trunfos de Walker em suas incursões centro-americanas. Já não se tratava de uma mera usurpação territorial ou uma simples disputa fronteiriça entre dois países, isoladamente. Tais episódios assumiam um caráter já de enfrentamento, também fronteiriço, entre “duas Américas”. Durante a década de 80, Martí não se cansou de denunciar o intento por parte dos Estados Unidos em anexar vários territórios do continente, ampliando seus domínios. Analisa vários episódios, como a intervenção armada no Haiti em 1888, que se negava a ceder a península de San Nicolás, a ação sobre Samoa em 1889, sobre o Hawai em 1890, a compra do Alaska visando dominar a navegação na região do mar de Behring, e tantas outras. Sem contar o caso de sua própria Cuba, que vivia constantemente sob a ameaça anexionista. Martí advertia:

*Los peligros no se han de ver cuando se les tiene encima, sino cuando se los puede evitar. Lo primero en política es aclarar y prever. Sólo una respuesta unánime y viril, para la que todavía hay tiempo sin riesgo, puede libertar de una vez a los pueblos españoles de América de la inquietud y perturbación, fatales en su hora de desarrollo, en que les tendría sin cesar, con la complicidad posible de las repúblicas venales o débiles, la política secular y confesa de predominio de un vecino pujante y ambicioso, que no los ha querido fomentar jamás, ni se ha dirigido a ellos sino para impedir su extensión, como en Panamá, o apoderarse de su territorio, como en México, Nicaragua, Santo Domingo, Haití y Cuba, o para corte por la intimidación sus tratos con el resto del universo, como en Colombia, o para obligarlos, como ahora, a comprar lo que no puede vender, y confederarse para su dominio. (VI, 46)*

Assim, conhecedor e crítico do significado desses episódios que marcaram o passado recente dessas nações americanas, Martí adquiriu plena consciência do perigo que representava a ameaça da intervenção estrangeira. “*Las saetas venenosas no son más que saetas, pero matan. Y es bueno conocerlas y prevenirse contra su uso.*”(Martí: VII, 53)

Na Conferência de Washington, um ponto em particular tornará evidente que as intenções e a política dos Estados Unidos, neste plano, não haviam mudado de rumo. Quando a Conferência sugere que a conquista fique eliminada para sempre do direito público americano, que as cessões territoriais sejam nulas se feitas sob a ameaça da guerra ou pressão armada, os representantes dos Estados Unidos, numa atitude isolada, se negam a assinar este projeto, consentindo ao final, após longos debates, em declarar eliminada a conquista “por vinte anos”. O temor dos Estados Unidos não estava apenas em

---

<sup>9</sup> Martí acompanhou ativamente ambas as Conferências. A primeira, 1889-1890, na qualidade de correspondente do jornal argentino *La Nación*, para quem produziu inúmeros artigos sobre os andamentos e debates da Conferência. Da segunda, a Conferência Monetária de 1891, participou na qualidade de representante nomeado pelo governo do Uruguai.

limitar suas possíveis ações anexionistas futuras, mas que tal fato pudesse também colocar em cheque o direito desse país sobre os territórios já conquistados, principalmente do México. Esse episódio colocou frente a frente, em posições antagônicas, os Estados Unidos e as demais nações do continente americano. Selou a diferença de propósitos entre os dois fatores continentais. Desmascarava os objetivos escusos da Conferência: reduzi-la a um conjunto de recomendações que pudessem fundar o direito eminente que os Estados Unidos se arrogavam sobre toda a América.

*De una parte hay en América un pueblo que proclama su derecho de propia coronación a regir, por moralidad geográfica, en el continente, y anuncia, por boca de sus estadistas, en la prensa y en el púlpito, en el banquete y en el congreso, mientras pone la mano sobre una isla y trata de comprar otra, que todo el norte de América ha de ser suyo, y se le ha de reconocer derecho imperial del istmo abajo, y de otra están los pueblos de origen y fines diversos, cada día más ocupados y menos recelosos, que no tienen más enemigo real que su propia ambición, y la del vecino que los convida a ahorrarle el trabajo de quitarles mañana por la fuerza lo que le pueden dar de grado ahora. (MARTÍ: VI, 56)*

Segundo Martí, essa Conferência representou para as nações da América Espanhola, por um lado, a ante-sala de uma grande concórdia, uma demonstração de que interesses comuns aproximavam seus países, ainda que no momento limitados e condicionados pela necessidade de defesa ante uma ameaça comum. Mas a Conferência deixou claro também para Martí, por outro lado, que a “visita” desse vizinho pujante e ambicioso estava próxima. De certa forma, considerava esse fato quase inevitável. Logo iria chegar o dia da expansão sobre as demais nações do continente americano. Sua imagem era a de um vácuo de poder, criado e deixado às traças pela empresa colonizadora. A questão da unidade de seus países constituía assim um imperativo de sobrevivência. Era chegada a hora de declarar a segunda independência dessa América. Os dois fatores continentais se excluíam e se afastavam em função não só de seu passado, de suas diferentes origens e evoluções históricas, mas particularmente em suas perspectivas de futuro.

Mas esta política expansionista necessitava de uma base de legitimação. E é por isso que nos Estados Unidos dessa época mantinha-se viva, mais do que nunca, a filosofia da Doutrina Monroe, agora empunhada por novos agentes da política estadunidense, que reivindicavam a América para os americanos - diga-se - do norte. Martí condenou veementemente as bases dessa ideologia expansionista. Denunciou uma verdadeira campanha armada nos meios de imprensa norte-americanos. Não se cansa de citar uma seqüência de manifestações e artigos de norte-americanos “ilustres”, que corriam de jornal em jornal, carregados da ideologia do *destino manifesto* e outras do gênero expansionista. Para Martí, a imprensa norte-americana não via nada de imoral em “...*la intentona de llevar por América en los tiempos modernos la civilización ferrocarrilera como Pizarro llevó la fe de*

---

<sup>10</sup> Exatamente em protesto a esse episódio, o governo do Haiti se recusou a participar da Conferência de Washington de 1889/1890. Igualmente o governo de Santo Domingo não aceitou o convite em função das intenções e da disputa com os Estados Unidos pela baía de Samaná.

*la cruz...*” (Martí: VI, 59) Não faltou quem propusesse constantemente que tais idéias, tais ideologias se materializassem em projetos, em planos políticos concretos. Esse era um momento, enfim, em que estavam em evidência vários teóricos e ideólogos expansionistas. Um exemplo é Frederick Turner, que ficará conhecido como o “teórico da fronteira”. Com base nesse mais novo mito, os Estados Unidos ampliavam seu conceito de fronteira, no intento de prolongar a saga da conquista do oeste em direção às terras ao sul do continente americano. Esta nova doutrina geopolítica se encaixava perfeitamente em suas aspirações expansionistas e anexionistas. Tãmanha a ânsia por uma justificativa para as práticas expansionistas que se buscava até a aplicação de princípios e leis da física à História. Segundo, por exemplo, a tese do físico Brooks Adams, a energia acumulada não poderia liberar-se senão mediante a expansão. Qualquer argumento que pudesse justificar a empresa expansionista, ou o direito “natural” dos Estados Unidos sobre o continente americano, particularmente sobre o istmo e o Caribe, seria difundido inescrupulosamente.

Mas a onda expansionista não tinha como causa apenas aqueles imperativos de ordem econômica e estratégica. Nesse momento, se encontra bastante difundida nos Estados Unidos a idéia da existência de duas Américas, bastante distintas. Martí também, como já nos referimos anteriormente, teve plena consciência dessa realidade dual. O que contrapunha ambas as análises é a origem alegada para tal diferença. Enquanto para Martí as origens das diferenças se assentavam em raízes históricas, já a civilização “*ferrocarrilera*” da América do Norte se auto-compreendia como mais desenvolvida, superior e, por isso, distinta. Tal concepção permite, assim, a entrada em cena de um ingrediente novo, a questão racial. Acreditavam e difundiam a idéia de que a América Espanhola estava contaminada pela impureza racial, o que a impossibilitava trilhar os caminhos do progresso e da civilização. Buscavam, assim, justificar com argumentos de ordem biológica a inferioridade da outra América. Martí, por inúmeras vezes, fez referências ao desdém do vizinho do norte em relação aos povos dessa América. E é contra esse conjunto de valores e crenças, bastante difundidas no seio da sociedade estadunidense, que se debatia Martí em seus escritos de Nova York. Dirigia-se contra aqueles que

*Creen en la necesidad, en el derecho bárbaro, como único derecho: “esto será nuestro, porque lo necesitamos”. Creen en la superioridad incontrastable de “la raza anglosajona contra la raza latina”. Creen en la bajeza de la raza negra, que esclavizaron ayer y vejan hoy, y de la india, que exterminan.* (Martí: VI, 160)

Esta era, em síntese, a imagem dos *tigres de afuera*, conforme a metáfora cunhada por Martí para se referir à política imperialista dos Estados Unidos, o perigo maior que corria a América Espanhola. E exatamente contra este perigo maior que deveria ser declarada a segunda independência dessa América. Uma independência que, na concepção de Martí, ia além do político, uma independência de *espírito*, a conquista de uma autonomia na gestão de seus próprios destinos.

<sup>11</sup> A propósito das ideologias e dos ideólogos expansionistas, ver interessante trabalho de Jean Lamore (1979).

## GUERRA DE INDEPENDÊNCIA: APENAS O PRIMEIRO PASSO

Temos nos omitido até aqui de abordar especificamente as idéias de Martí frente ao que considerou “guerra necessária”, ao se referir à guerra de independência de Cuba contra a Espanha. Afinal, qual o verdadeiro significado da guerra para Martí? Já dissemos que para ele a independência era o passo inicial e talvez não o mais significativo. A guerra fazia parte de uma estratégia política de longo prazo que pretendia num primeiro momento, a partir de Cuba, libertar Porto Rico. Posteriormente o propósito seria lutar pela união progressiva da Hispano-América frente aos intentos expansionistas dos Estados Unidos. Martí acreditava que as Antilhas constituíam uma espécie de primeiro muro de contenção desse expansionismo norte-americano. (Pablo Rodríguez, 1972: 191)

*Las Antillas libres salvarán la independencia de nuestra América, y el honor ya dudoso y lastimado de la América inglesa, y acaso acelerarán y fijarán el equilibrio del mundo.* (Martí: IV, 111)

Nesse sentido a guerra de independência não era e nem poderia ser um assunto exclusivamente cubano: tomava dimensões continentais. Tal estratégia política martiana tinha, portanto, um duplo objetivo: eliminar todos os vestígios do colonialismo espanhol nas sociedades hispano-americanas e evitar a criação de novas formas colonialistas estadunidenses. Afirmava Martí que a guerra de independência de Cuba seria para o bem da América e de todo o mundo. Para lançar mão de uma linguagem de nosso tempo, Pedro Pablo Rodríguez qualificou tal estratégia de “libertação nacional contra o imperialismo”. (1972: 191) Tal perspectiva chegou inclusive a influenciar e conformar a idéia martiana de “pátria”. O cubano Roberto D. Agramonte (1984) aponta que a idéia de Pátria em Martí estava determinada pela sua ânsia fundadora. O longo exílio de Martí fazia dele um despatriado, um desenraizado. Sua Pátria era algo desejado e que necessitava ser buscado e conquistado. A idéia de Pátria de Martí não se reduzia, assim, simplesmente ao apego à terra, a essa manifestação típica do espírito aldeão. A Pátria se revelaria, sobretudo quando houvesse necessidade de defendê-la ante o invasor e o opressor. Nesse sentido, a ameaça dos Estados Unidos jogou um considerável papel na evolução e amadurecimento desse seu conteúdo de Pátria. Muito embora sua idéia de Pátria não se limitasse a esse conteúdo. Em suma, a estratégia política martiana pretendia eliminar todas as formas possíveis de colonialismo em Cuba, presentes e futuros. Daí que sua ação não se limitou exclusivamente a organizar uma guerra - fundando um partido e arregimentando forças para organizá-la - para lograr a independência da Espanha. Martí compreendeu bem que, com os Estados Unidos em franca expansão territorial e econômica em direção ao sul do continente americano, a mera separação política teria um alcance limitado. Sobre isso afirmava:

*Para que la Isla sea norteamericana no necesitamos hacer ningún esfuerzo, porque, si no aprovechamos el poco tiempo que nos queda para impedir que lo sea, por su propia descomposición vendrá a serlo. Eso espera este país, y a eso debemos oponerlos nosotros.* (Martí: I, 249)

*Cambiar de dueño, no es ser libre.* (Martí: VI, 120)

A efetiva descolonização somente seria garantida mediante a consecução das demais etapas de sua estratégia política, sobretudo a unidade hispano-americana para fazer frente ao *tigre de afuera*. “*Pelemos en Cuba para asegurar, con la nuestra, la independencia hispanoamericana*” (Martí: V, 375). Este seria, no plano político, o sentido mais profundo da idéia independentista martiana, marcada sobremaneira por um conteúdo não só anti-colonialista no sentido estrito, mas, sobretudo anti-anexionista, anti-imperialista e hispano-americanista. No fundo, abraçava um projeto de “libertação nacional” num sentido amplo. Tais eram em síntese as bases fundamentais sobre as quais repousava a idéia independentista de José Martí.

## BIBLIOGRAFIA

- AGRAMONTE, Roberto D., 1984, *Martí y su concepción de la sociedad*, San José, Puerto Rico, Editorial de la Universidad de Puerto Rico.
- CARVALHO, Eugênio R. de, 2001, *O Projeto Utópico da Nuestra América de José Martí*, São Paulo, Editora Anita Garibaldi.
- LAMORE, Jean. “Historia y ‘*biología*’ en la ‘*América mestiza*’” de José Martí, 1979, *Anuário del Centro de Estudios Martianos*, vol. 2, pp. 92-110.
- MARTÍ, José, 1975, *Obras Completas*, 27 tomos, 2ª ed., La Habana, Editorial de Ciencias Sociales. [Primera edición publicada por la Editorial Nacional de Cuba, en coordinación con la Editora del Consejo Nacional de Cultura y la Editora del Consejo Nacional de Universidades. La Habana, 1963-1965.]
- PABLO RODRÍGUEZ, Pedro, 1972, “La idea de la liberación nacional en José Martí”, *Anuario Martiano*, n. 4, pp. 169-213.
- VITIER, Medardo, 1954, *Martí: Estudio Integral*, La Habana, Comisión Nacional Organizadora de los Actos e Ediciones del Centenario y del Monumento de Martí.